

NOSSO SUJEITO OCULTO

por Josué Mattos

Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem [Ferreira Gullar]

Existe uma matriz significativa para adentrar na produção do artista Ivan Grilo: em contato com um acervo familiar de fotografias recebido da avó, ele sustenta sua produção artística, ora reconstruindo as fotografias por meio de desenhos feitos com carimbos de diferentes datas, ora reconfigurando as poses, alterando sua paisagem original, ou mesmo aderindo ao processo de apagamento da imagem. Qualquer que seja seu procedimento, é possível aproximar essa produção ao que Marianne Hirsch chama de pósmemória¹, pois o artista lida apenas com resquícios de narrativas contadas por familiares que conheceram as pessoas presentes nas fotografias. Pessoalmente, ele não conheceu nenhuma delas. Assim, pósmemória é definida pela herança de narrativas vivenciadas por gerações que nos precedem, mas que determinam parte considerável do modo com o qual percebemos nossa identidade.

Contudo, ao reproduzir, catalogar e reconfigurar esse acervo, Ivan constrói linhas paralelas a partir dessa matriz, mantendo, em alguns casos, apenas resíduos do álbum familiar. Esses resíduos já não se referem à pósmemória, pois estão relacionados à identidade de todo e qualquer ser humano. Isso é o que ocorre em *Sujeito Oculto* (2011). Nessa instalação, composta por um conjunto de sete certidões de nascimento e sete impressões de fotografias, realizadas com verniz sem pigmentação no espaço expositivo, a proximidade afetiva com seus familiares é posta em segundo plano. Isso por conta da presença das certidões de nascimento, dispostas à frente das imagens impressas na parede. Nenhuma delas certifica-nos algo. Nem apresentam qualquer indício capaz de localizar o sujeito: não há data, local, assinatura, carimbo de autenticação, ou mesmo o nome do cartório onde ela teria sido emitida. Ao eliminar aquilo que nos identifica na sociedade civil, teríamos perdido nossa identidade, ou apenas parte dela? Em suma, o que *Sujeito Oculto* tenta tornar visível é a parte da identidade humana que não é tangenciada pelo nascimento ou contexto sociocultural e geopolítico na qual é inserida. Tal sujeito, com sua complexa estrutura física, psíquica e espiritual, não pode ser resumido ao local, hora, família, cidade e país em que nasceu. No entanto, que tipo de educação nos capacita a conviver com nossa completa identidade? Que certidão de nascimento informa aquilo que é vivenciado por meio da intuição, percepção aguçada e interação com nosso subconsciente? Se a vida não passa mesmo de um sonho, como afirmou Pedro Calderón de la Barca em 1635, caberia a nós desvendá-lo, buscando identificar os signos que se apresentam diante de nós, os quais sinalizam o quanto o sujeito oculto em cada ser vivo é, em realidade, o ser vivo. O que é completamente oposto à estrutura arquitetônica que habitamos até a morte, como bem disse Lygia Clark ao realizar sua instalação *A casa é o corpo* (1968). Ou Ferreira Gullar em *Traduzir-se*: "uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente". Essa incerteza, oposta ao aspecto permanente do sujeito, faria alusão à estrutura habitacional que, a qualquer hora, nos vemos forçado a deixar. A continuidade do poema de Ferreira Gullar, usado na epígrafe desse texto, acredita que "traduzir uma parte na outra parte (...) é uma questão de vida ou morte". Na sequência ele pergunta se tal tradução, "será arte"? Na iminência de identificar o que pode a arte, chegamos a uma real possibilidade: a de conjugar nossa identidade, construída por meio da interação com a natureza, com a parte que, por não ser vista, é só linguagem.

1. Marianne Hirsch, *Family Frames. Photography Narrative and Postmemory*. Cambridge: Harvard University Press, 1997